



Histórias de vida e o Vera

Uma vida em construção



Laura Moreira Barboza Pinto

Professora de Artes (EF nível 2)

A woman with shoulder-length hair, wearing a light-colored cardigan over a dark top and a patterned scarf, is sitting on a wooden bench outdoors. She is looking directly at the camera with a thoughtful expression. Her hands are clasped together in her lap. The background is a blurred outdoor setting with a stone wall and some foliage.

A série *Histórias de vida e o Vera* é uma homenagem de nossa Escola a alguns dos tantos profissionais que dedicaram uma boa e louvável parcela de suas trajetórias ao compromisso da educação integral de seus alunos, dia a dia formando cidadãos capazes de transformar o mundo.

São esses inesquecíveis profissionais que, ao lado de colegas das equipes pedagógica e administrativa, alunos e familiares, construíram uma comunidade da qual podemos nos orgulhar nestas seis décadas de tantas vidas da Escola Vera Cruz.

Escola Vera Cruz

Direção Geral: **Heitor Fecarotta**

Direção de Gestão: **Marcelo Chulam**

Direção Pedagógica: **Regina Scarpa**

Histórias de Vida e o Vera

Coordenação, entrevistas e edição de textos:

Claudia Cavalcanti (Casa Vera Cruz)

Projeto gráfico: **Kiki Millan (Casa Vera Cruz)**

Revisão: **Iara Arakaki (Casa Vera Cruz)**

Pesquisa de imagens/Acervo Vera Cruz:

Alexandre Leite (Biblioteca Geral)

Apoio: **Araceli de Carvalho (Casa Vera Cruz)**

e **equipe de Recursos Humanos**



Coordenação da produção documental:

Suzana Lopes Salgado Ribeiro (Fala Escrita)

Transcritoras: **Ana Claudia Moreira Rodrigues, Luciana Gomes de Oliveira, Marcela Boni e Suzana Lopes Salgado Ribeiro**

Captação de vídeo: **André Nascimento e Luís Guilherme Lima**

Roteiro e edição de vídeos: **Fernando Brook, Iokisa Takau Junior e Suzana Lopes Salgado Ribeiro**

Laura começou a trabalhar no Vera em 1977.
Ela se despediu da Escola em 2009.

A captação em vídeo e áudio de todos os depoimentos foi feita na Unidade Vila Ipojuca da Escola Vera Cruz, em abril e maio de 2023.

A descoberta da arte

Vou começar por onde a arte entrou na minha vida, porque é importante.

Quando eu tinha 17 anos, fui fazer um intercâmbio nos Estados Unidos, daqueles intercâmbios de último ano do Ensino Médio. Como cheguei lá praticamente formada pelos critérios americanos, já tinha todos os créditos de Matemática, Física etc., eles me obrigaram só a fazer créditos de Inglês, que eu não tinha tido aqui no Brasil suficientemente. Então, pude escolher minha grade curricular. Foi uma delícia, só escolhi matéria de artes, porque nunca tinha tido Artes na escola. Eu estudava em escola pública nos anos 1960, então era aquela coisa bem careta, bem dentro do moldezinho. Lá, eu me esbaldei. Fiz tudo que a escola oferecia. E também fiz um estágio, um trabalho voluntário num instituto neurológico para crianças. Trabalhei um pouco lá também como voluntária. Aquilo, então, me aproximou desse universo da criança.

As certezas da vida

Voltei para o Brasil depois dessa experiência com duas certezas: queria trabalhar com Artes e queria trabalhar com

crianças. Logo em seguida, fiz o vestibular, entrei na ECA/USP, e fui fazer artes plásticas. Durante a faculdade, fiquei amiga de uma pessoa que era orientadora do Verinha na época, a Lara do Vale. Acho que apareceu uma oportunidade, e ela me convidou para fazer um estágio no Vera. Fiz o estágio no Jardim I, e logo no ano seguinte, em 1977, me ofereceram a oportunidade de ser professora de uma sala, e aceitei. Foi muito difícil nesse primeiro ano, porque eu não tinha experiência, tinha muita vontade de fazer certo, mas foi um ano bem complicado, bem desafiador. Mas me apaixonei pelo trabalho, pelas crianças, foi uma delícia mesmo. Nunca mais esqueço, nem daqueles rostinhos, nem do ano que passei ali com eles. Foi muito bom.

Depois, o Verinha mudou de endereço, foi para a [Rua Dona] Elisa de Moraes Mendes, e, ali, fiquei durante muitos anos. Era 1978. Dei aula lá de 78 até 89, para o Jardim I, Jardim II, e [cheguei] até a dar aula para a 1ª série também. Fiz um pouco de alfabetização, embora não fosse a minha formação, mas consegui dar conta do recado. Então, apareceu a oportunidade de eu passar por uma seleção no Verão, porque um dos professores de Artes tinha saído, e passei. Por um ano, fiquei dando aula de Artes no Verão para a 2ª série, que hoje é o 3º ano. Não era mais professora de sala de aula, era professora especialista de Artes, no Verinha também. Foi um ano

bastante intenso, porque eu ficava nas duas Unidades, mas foi muito bom também.

No ano seguinte, continuei só como professora de Artes no Verão, e fiquei lá até 2009. Então, ao todo, de 1972 a 2009, fiquei 32 anos trabalhando no Vera Cruz! Não sei nem se dá para descrever o que a Escola representa na minha vida, porque ela marca minha vida desde muito jovem, eu estava na faculdade ainda. Atribuo mesmo minha formação profissional à Escola, o aspecto pedagógico que eu nem tive muito na faculdade. Então, a pedagoga em mim brotou durante essa formação no Vera ao longo desses anos.

Espaços de formação

As reuniões de professores, por exemplo, no Verinha eram altamente formativas. Era um espaço mesmo de muita troca, muita discussão, muita construção. A gente realmente construía um projeto naquelas reuniões, e aquilo era muito importante para a formação profissional de cada uma daquelas pessoas. Na parte de Artes, tive uma formação boa na faculdade, na ECA, mas a Escola me trouxe a prática mesmo, o estar com a criança, acompanhar o processo dela. Uma coisa muito importante, um diferencial, eu acho, pelo menos entre as escolas que conheci,

foi o projeto que eu, a Celina [Gusmão, professora de Artes] e Suca [Mazzamati, professora de Artes] desenvolvemos, na raça mesmo, porque a gente estudava junto, propunha junto, discutia as questões, voltava para a reunião semanal da gente para expor o que tinha acontecido. A gente acompanhava esse grupo de alunos durante três anos. Na 2ª série, 3ª e 4ª, então voltava; se despedia deles, que iam para a 5ª série, e a gente voltava para a 2ª de novo, para acompanhar um novo grupo. Eu era amiga da Suca já no Verinha. Conheci Celina quando comecei a trabalhar no nível 2, no Verão.

Trabalhar com Celina e com Suca durante tantos anos, nesse processo de construção do projeto da área, foi uma maravilha. A Escola dava uma liberdade muito grande para a gente. Me lembro com muito carinho da Ana Caleiro, coordenadora, uma pessoa fantástica, que realmente entrava na oficina de Artes, e a gente via que ela tinha um verdadeiro prazer de estar ali com a gente, observando o que a gente estava inventando.

Hora da aula no quintal da avó

A gente percebia que essas crianças tinham uma agenda muito atribulada, tanto na Escola com a grade curricular,

como fora da escola também, com aula de inglês, terapia, fono, escolinha de esportes etc. Então, a gente percebia que a aula de Artes era o momento da invenção na vida deles. Sabe o quintal da casa da avó? Era ali. Aquela casa de avó em que você inventa tudo que quer, e a avó vai para o quintal junto com você e faz fogueirinha, faz comidinha em panelinha de lata, e tudo aquilo. Era mais ou menos esse clima que a gente queria imprimir a essa aula de Artes. Era experimentação, invenção. Tinha pontos do currículo que a gente realmente queria abordar, técnicas de como trabalhar argila, de como pegar no lápis, a questão do desenho.

Os quinze minutos iniciais da aula de uma hora e quinze a gente dedicava ao desenho, sempre. Mas, a partir desse momento do desenho, a criança podia escolher o que ela queria desenvolver. Era uma sala montada com os materiais à disposição, e a criança podia transitar por aquele espaço sem uma ordem preestabelecida, um comando preestabelecido da professora. E como a gente acompanhava essa criança durante três anos, a gente tinha a oportunidade de conhecer bem essa criança.

Sinto que a melhor avaliação que tenho de que isso fazia muito bem para as crianças é que eu nunca vi criança pedir para repor feriado quando ele caía na aula de Artes: "Isso não

é justo, a outra turma teve aula, e a gente não teve, você vai ter que repor”. E eu falava: “E como é que eu posso repor feriado?” (risos). Isso era uma prova de que a gente estava realmente construindo alguma coisa bem significativa para eles. Guardo essa alegria que eles me traziam, essa energia, tudo no meu coração, para a vida mesmo. Foi uma maravilha!

Sem ensaio para a vida

Me casei em 1982. Meus filhos foram entrando na escola a partir do final dos anos 1980, depois já tinha o Ensino Médio. Eles fizeram do Maternal ao Ensino Médio. E até o começo deste ano, minha filha, que atualmente mora no Canadá, fez questão de vir para o Brasil em uma data em que ia ter um encontro da turma dela. Estava toda animada, acompanhei uma parte dos preparativos para esse encontro, e ela estava muito feliz. Eles conseguiram pinçar gente que estudou com eles durante o período todo, não foi só quem se formou no Ensino Médio.

Minha filha é advogada, só que está morando no Canadá, e como o filhinho dela está muito pequenininho ainda, ela está só cuidando dele. Ela tende a trabalhar com ONG, com trabalho social, é bem voltada para isso. Meu filho do meio fez história na USP, mas, na verdade, ele produz um podcast que tem sido

muito bem avaliado por todo mundo, que está na lista dos dez mais ouvidos no Brasil, o *Xadrez Verbal*. E meu filho caçula fez publicidade e trabalha numa agência, está bem contente, porque é uma agência que tem contas das coisas que ele gosta de fazer, como esporte radicais, ele é bastante ligado nessa área. Os três tiveram experiências diferentes no Vera Cruz, mas todas bastante significativas, a Escola foi importante na vida deles.

Mas uma coisa que realmente foi difícil, especialmente em alguns momentos da vida, foi a diferença social entre nossa família e as famílias com quem eles conviviam, mais para meu filho caçula e o do meio. Isso foi uma coisa bastante difícil de lidar, de compor em casa, porque eram aquelas diferenças sobre o que você pode comprar, o que não pode, onde passar as férias... Ficava essa discrepância muito grande, muito sofrida para eles. Às vezes, me pergunto: “Será que eu fiz bem deixá-los no Vera a vida toda?”. Porque, enquanto são pequenos, essas diferenças não aparecem tanto, mas depois, na adolescência, isso fica mais gritante. Acontece que a gente não ensaia para a vida, então fiz o que achava que era o melhor para eles.

Pelas pessoas que eles se tornaram, pela integridade deles, os valores, a forma de olhar o outro, sinto que isso tudo foi construído pela família e pela Escola. Mas foi realmen-

te complicado não poder, por exemplo, ir para a viagem de Estudo do Meio, porque a gente não tinha dinheiro para pagar a viagem proposta. Não tirou pedaço, mas foi muito duro. Para a gente, como mãe, acompanhar isso foi bastante sofrido, mas, enfim, acho que atualmente não faz tanta diferença.

Diversidade no Vera

Me encontro bastante com Angela [Fontana, coordenadora], e ela me contou bastante sobre o projeto [de educação antirracista], e eu achei uma coisa maravilhosa de linda, e a forma como ele está sendo pensado é bem acertada, trazendo essas crianças de outras origens, outros *backgrounds*, em número também, porque não adianta bolsa para uma ou duas pessoas, porque elas vão continuar se sentindo peixe fora d'água. Agora, tendo assim um grupo mais volumoso, aí, sim, faz diferença e dá para modificar, inclusive, os outros que têm outros tipos de vivência, eles aprendem uns com os outros, porque a escola é para isso, para gerar essa fricção entre os diferentes.

Intervalos para novos ares

Teve uma época em que eu tirei uma licença, aliás, tirei duas licenças sem remuneração. Uma foi antes de eu ir para o

Verão, porque eu tinha muita vontade de fazer um mochilão pela Europa por muitos meses, sem data de volta. Então, quando finalmente me formei — porque entrei no Vera antes de me formar! —, pedi uma licença sem remuneração. Foi em 1980. Eu já estava na Escola há três anos e fui para Europa, fiquei lá oito meses. Foi uma experiência muito importante. A Escola não tinha me garantido de que haveria uma vaga me esperando, mas, assim que voltei, uma colega do Verinha estava entrando em licença-maternidade e não havia ninguém para ocupar a vaga dela, então me chamaram. Um pouco mais tarde, fui convidada para fazer parte de uma equipe do MEC, para formação de formadores de professores da rede pública pelo Brasil afora. Viajei pelo Brasil todo fazendo essas formações.

Foi uma experiência muito, muito rica. Nessa hora, acho que a formação que o Vera vinha me dando estava sendo mais significativa do que a da faculdade, essa coisa da sala de aula, de lidar com o professor. Foi a primeira vez que trabalhei com adultos, e foi muito interessante, muito rico. O Vera me proporcionou ficar esses meses sem a sala de aula.

Foram os dois momentos, nesses 32 anos, que fiquei um pouco afastada da Escola.

As voltas da vida

Quando chegou a hora de me aposentar, o medo que eu tinha era de ficar sem crianças por perto. “Como que eu vou fazer na minha vida sem ter criança junto?” Achava que não ia conseguir sobreviver, porque a criança proporciona essa energia, essa alegria, essa vontade de descobrir coisas, e isso vai contaminando você.

Quando me aposentei, tinha planos de viver um sabático bem esticado, levar minha mãe para conhecer Portugal, fazer um ateliê na garagem de minha casa. Meu plano era fazer um ateliê, dar aula particular para crianças ou adolescentes, adulto. Mas, aí, a Stelinha [Barbieri] tinha ido trabalhar como curadora educacional na 29ª Bienal de São Paulo e, assim que ela soube que eu estava aposentada, me convidou para fazer parte da equipe dela.

A vida inteira eu tinha vontade trabalhar em uma instituição cultural também, achava que faltava essa ponta na minha experiência como arte-educadora, então eu não podia falar não para o convite de uma Bienal. Pensei: “Bom, Bienal é um ano só. Deixo meus planos atrasados por um ano e aceito o convite da Stela”. Foi uma experiência absolutamente trans-

formadora na minha vida. Quando entrei na Bienal, quem encontro trabalhando na equipe? Ex-alunos do Vera, já jovens adultos. Pensei: “As crianças da minha vida agora são os jovens, porque, para trabalhar com criança muito pequenininha, é preciso ter uma energia que já não tenho tanto. Depois que abaixo, não consigo mais me levantar com aquela facilidade, tem que ficar me agarrando nas coisas e tudo” (risos). Então, sala de aula realmente não dava mais nem para pensar. Mas, lá na Bienal, tive essa alegria de trabalhar com vários ex-alunos, monte de gente de quem eu tinha sido professora. Foi uma delícia reencontrá-los nessa outra fase, já se formando profissionalmente, escolhendo carreira, alguns indo para a carreira de artes também. Foi maravilhosa essa experiência de reencontro em outra etapa da vida.

Caí na Bienal e, de cara, eu tive 500 estagiários para dar conta. Sem experiência alguma de grupão, ter que organizar 500 estagiários que depois viraram 300, porque a gente estava formando um grupo de estagiários para atender o público na 29ª Bienal. Entrou um grupo de 500 e, depois de dois meses, a gente selecionou 300. A gente se reunia e falava: “Gente, como é que isso está dando certo? Não dá para entender como é que está dando certo”, porque realmente era uma demanda sobre-humana.

Fiquei 12 anos na Bienal! Acabei de sair de lá. Foi a pandemia que me deu o ponto-final, porque, se não, acho que estaria lá até hoje. Com esse negócio de de repente estar dentro de casa, tendo que inventar o trabalho todo que você faz presencialmente através das telas — e a parte tecnológica lá em casa não era tão boa —, passei muito sufoco. Você vai dar palestra para 50 professores, e sua internet cai! Foi cada lance tão estressante!

Meu marido teve problemas sérios de saúde nesse meio tempo, precisa de acompanhamento depois de um AVC, e, nesse período da pandemia, eu não tinha ajuda externa nenhuma. Fiquei com todo o trabalho da casa, toda atenção do meu marido e mais o trabalho virando online. Quase tive um *burnout*, foi por pouco mesmo. “Não, saúde em primeiro lugar, deixa eu dar um jeito na minha vida”. E aí, infelizmente, tive que pedir demissão da Bienal, mas morro de saudade lá também.

Tudo por um banho de lama

Eu adorava ir para os acampamentos — Paiol Grande, RePlago, Carroção. Eram experiências muito legais. A gente passava três dias com as crianças, tinha toda aquela farra da noite; os

que tinham medo; os que vinham para sua cama dormir junto, porque estava com saudade da mãe; os que ficavam resfriados, íamos atrás da ficha e de dar os remédios. Uma coisa que a gente brincava até na equipe era que eles estavam sempre com a mesma idade, e a gente estava sempre um ano mais velha para aguentar o tranco dos acampamentos.

Havia experiências corporais mesmo, que estão na memória das minhas células! O que é aquela coisa do futlama, a trilha do Barroso, quando você ficava com lama até o pescoço? Aquilo é uma coisa transcendental, uma delícia, morro de saudade. Tenho vontade de ir lá no RePlago e fazer essa trilha de novo e, depois da trilha, aquele banho de esguicho enorme e o tal do futlama, que era jogar futebol no meio de um charco maravilhoso. Isso aí eu não esqueço nunca mais, morro de vontade de voltar e experimentar.

A construção de cada um: marca indelével

Logo que entrei no Vera, a gente fez um grupo de amigas. Todo mundo com 22, 23 anos, aquele começo de vida. A gente ficou muito amiga. Um amigo meu, que era de outra área, falava: “Nossa! Deve ser muito bom trabalhar num lugar em que você tem

vontade de sair com o pessoal no final de semana, tem vontade viajar com as pessoas, eu não tenho isso no meu trabalho". Eu falava: "Você não imagina como é bom!". E essas amigas eu carrego até hoje, são minhas amigas da vida, meus amigos da vida. É muito importante isso que a Escola gerou de significado na vida de quem trabalhou aqui, na minha, particularmente. Dou este testemunho como uma coisa muito importante que carrego dentro de mim, com muita força.

Tinha certeza de que o Vera faria 60 anos! Só não tinha certeza de que eu estaria aqui dando este depoimento, pelo que me sinto muito honrada. O Vera vai longe, longe, porque é um trabalho feito com muito amor, muita verdade. A Escola que eu conheço não faz de conta, ela faz para valer mesmo.

É claro que cada um de nós que trabalha aqui, que trabalhou aqui, tem sua essência, mas a maneira como a Escola mudou essas essências, tudo isso construiu a pessoa que sou hoje. Estou com 69 anos, e o Vera é um pedaço enorme desses 69 anos. Tem uma marca que é indelével, e sou muito agradecida por isso.





Uma realização da Escola Vera Cruz | 2023

